Acervo ISA

DATA 11/08/97
COD IND00012

OS FEITIÇOS CAPANA

Miriam Laila encalhou.

Foi a primeira vez.

Chegamos ao porto prá encontrá-la de manhã, vistoriarmos e partimos no dia seguinte. O espanto do marinheiro Marino não entendendo porque encalhou.O pau que a escorava quebrou e o rio Acre vazando depressa a deixara, Miriam Laila, na areia.

O Ibama havia adquirido Miriam Laila há pouco mais de três meses com recursos do PMACI, 67 cavalos puxando este baleeira de 18 metros de comprimento, com 2 camarotes, 4 camas beliche, cozinha, 2 banheiros, convés e uma mesa pra trabalho entre o comando e a cabine superior.

Ficaram na luta pra desencalhar o barco todo o dia. Foram dois barcos tentarem puxá-lo e ao final da tarde o rio continuava vazando. Marino, já desesperando, gritando com a criançada que, claro, molecada, adorava aquele barcão encalhado dando trabalho a outros dois barcos tentando tirá-lo. Enfim, a Capitania dos Portos veio e com rebocador de 500 cavalos levou Miriam Laila de volta ao leito do rio.

Assim começou a aventura para Capana. Saímos de Boca do Acre e subimos o rio Purus oito horas até o seringal Maracaju, onde mora um grupo Jamamadi do Capana e aí pernoitamos. No dia seguinte, subimos mais oito horas até chegarmos em Capana. Na descida paramos no seringal Lourdes, onde mora outro grupo, e aí pernoitamos.

Nossa missao era verificar a Area Indígena Capana, identificada por um GT em 1986- PMACI I, e que em 1988 , uma equipe técnica- PMACI I/0583/88 composta pela FUNAI/CSN/IBGE/MIRAD, alegando o abandono da área indígena pelos índios, solicitou a sua retomada pela União e o IBDF manifestou interesse em transformá-la em Floresta Nacional.

A FUNAI, atendendo solicitação da coordenação do PMACI-SEMAM, constituiu um novo GT para uma solução final, sob a coordenação da antropóloga Isa Pacheco Rogedo/Funai, o engenheiro agrimensor Briner/Funai, o técnico indigenista Adolpho K.Kesselring/Funai, representante do Incra/José Maria, o representante da UNI/Acre e sul do Amazonas/ Antonio Apurinã e o técnico da SEMAM/Sílbene de Almeida.

A área indígena Capana faz parte do imenso território tradicional do grupo indígena Jamamadi. É uma área riquíssima em castanha e seringueiras e foi exaustivamente explorada desde o final do século passado . Os senhores dos seringais escravizaram os índios e sob míseras trocas - alcóol e introdução de novas doenças - os mantinham subjugados.

393

Acervo ISA

As diferenças políticas internas que coexistiam conforme a organização social do grupo foram reforçadas e maquiavelicamente estimuladas. As novas doenças - sarampo, malária, tuberculose - assolaram os índios de maneira terrível, devastadora, destruindo aldeias inteiras. Os pajés não conseguiam curá-las .

A única explicação plausível era feitiço. Assim, iniciou-se a diáspora dos Jamamadi do igarapé Capana. Pelo menos há 20 anos, grupos dissidentes se espalharam ao longo do Purus e hoje encontramos parte destes índios no Igarapé Ikirema, Goiaba, e beiradão do rio Purus como o seringal Lourdes, Maracaju e Remanso. Uma família nunca saiu da área - "De onde há prá ir fui a lugar algum"- diz Damião. " Damião ficou aqui segurando terra nossa" - diz José de Ikirema.

A não ser os filhos e netos de Damião, todos os demais índios nasceram em lugares diferentes. Seus pais, sim, nasceram e saíram do Capana. Hoje, os jovens são os que mais se interessam em voltar e entendem a área Capana como sua origem e seu destino. Os velhos ainda têm reticências e vários ainda temem voltar. Mas entendem que a terra lhes pertence e é de seus filhos.

Falam cotidianamente a língua Jamamadi, e conhecem todos os acidentes geográficos da área Capana na sua denominação Jamamadi.Fazem artesanatos próprios, mantém suas tradicionais restrições alimentares, os rituais de iniciação dos homens. Até mesmo as sementes de seus cultivares próprios são conservados, tanto por Damião em Capana quanto pelos indios que saíram da área. Como diz o José de Ikirema : " Aonde nós fomos nós levamos a semente prá não se perder".

O passado é o presente e o futuro.

Acervo ISA

EXCERTOS DO PROCESSO FUNAI- 2169/87 / ÁREA INDÍGENA JAMAMADI DO IGARAPÉ CAPANA

"...verdadeiros homens do mato, sem navegação, entretanto bons lavradores..."

"...por enquanto reina, em pleno rigor, o sistema de desbragada exploração; procura-se adquirir do índio os seus valiosos productos em troca de bugigangas sem valor. Do resto encarrega-se el rei-alcool..."

Ehrenreich, viajante, em 1891 - fls 09

"...A aldeia visitada tinha sido recentemente destruída quase que por completo pela peste de modo que apenas se pode fazer uma leve idéia de sua condição normal..."

Steere em 1901 - fls 10

" aos Jamamadi, ao seu habitat no Rio Sapatini até o Hyacu, estendendo-se a tribo cerca de 300 milhas ao longo do Purus, do lado esquerdo, sendo exclusivamente terra, vivendo nos igarapés."

W.Chandless em 1868 - fls 10

" O Sr. Bento Martins faz referência à uma firma peruana que acabava de arrendar os seringais do Inauiny e de um dos sócios, o Sr. Alfredo Martins Pereira, que espalhava terror pela região, principalmente contra os índios; e a homem preto de nome João Batista. Estes chegaram ao ponto de ameaçar o Sr.Bento para não subir o rio."

Bento M.F. de Lemos, SPI, em 1912 - fls 11

"... há uma descrição dos índios que moravam nestes igarapés, dos varadouros que ligavam o Pauini, Teuini e Inauini, e como os patrões os exploravam. Na sua fala ele confirma as informações do Sr. Bento Martins, referindo-se ao João Batista - um preto que chegou no Inauini por volta de 1882 e explorou a região do Inauini, assim como da empresa peruana que arrendou em 1910 o Inauini, trazendo muitos caucheiros peruanos."

Raimundo Alves Barroso-entrevista em 1986 - fls 11

Acervo ISA

"... dão conta dos massacres e correrias promovidas por patrões no sentido de acabar com os Jamamadi desta área, uma vez que os mesmos resistiam ao trabalho escravo, que lhes era imposto. Além das matanças promovidas pelos brancos, correram várias epidemias que diminuíram sensivelment este povo numeroso."

Relatório do GT 1349/86 * de Identificação - em 1987 - fls 14

"... Os indios atingiam o Kapana, o Kasipari, o Mina e o Api, eles moravam tudo entricheirado por lá. Quem trabalhou com eles era o Guimar e o Guimarães, aquele arrendatário do seringal São Miguell, que teria convivido com os Jamamadi, tendo se tornado inclusive pajé, sendo hoje o prático em medicina das redondezas."

"...e ai deu um sarampo lá que morreu muita gente. Deve ter sido em 1967 ou 1968. Nessa época eles eram muitos. Morreu muita criança e caboclo velho também. Em 1973 morreu uma familia inteira com tosse e febre..."

França Vale, seringalista, em 1987 - fls 16

" ... Eles eram tudo sadio, mas quando começaram a andar pelas margens se misturar com cariu nas lanchas , aí começaram a adoecer..."

Raimundo Ribeiro, seringueiro, em 1987 - fls 17

" Estas mortandades provocadas especialmente pela tuberculose, sarampo e gripe, levou um descrédito, pavor e ódio até aos "dsupinehé" (Pajé, feiticeiro). A eles é atribuído todo esse extermínio do povo.

" O poder dos "Dsupinehé" é tão importante que são, na maioria das vezes, responsabilizados por provocarem doenças que atingem o grupo, alem de serem temidos. Atualmente falar no "dsupinehé" é tabu."

Relatório do GT 1349/86 * de Identificação - em 1987 - fls 27 e 32

" Quanto a área Capana, 125.000 ha., sua situação enquadrase no Art.21 do Estatuto do Índio: " As terras espontâneas e definitivamente abandonadas por comunidades indígenas ou grupo tribal reverterão, por proposta do Órgão Federal de assistência ao índio e mediante ato declaratório do Poder Executivo, à posse e domínio da UNIÃO. Essa área poderá ser arrecadada pelo MIRAD, para seus projetos de assentamento, mediante uma priorização no assentamento dessas famílias, em áres contíguas, em projetos de extrativismo... "

Valter Ferreira Mendes- 08/09/88- Superitendente substituto da SUAF - FUNAI - fls 59

Acervo ISA

" Com a devida vênia, entendemos que tal procedimento seria por demais precipitado, já que, além do conteúdo da CI, não há qualquer elemento comprobatório do alegado, a ponto de dispensar uma investigação, uma apuração perfeita, através de uma comissão técnica, de modo a, inclusive, constatar se, caso tenha ocorrido o abandono da área, pelos índios, o foi de modo espontâneo e definitivo. "

Romildo Carvalho - 09/09/88 - Procuradoria Jurídica da FUNAI- fls 62

" Apraz-me cumprimentar Vossa Senhoria e participar-lhe que o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal- IBDF está empenhado em propor a criação de uma FLORESTA NACIONAL em uma área hoje considerada como indígena e que estaria sendo arrecadada para a União, sendo objeto do Processo FUNAI n.2169/87, que trata da IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA AREA INDÍGENA IGARAPE CAPANA, no município da Boca do Acre-AM."

José Carlos Carvalho- Presidente substituto IBDF -em 31/10/88-fls 65

" A despeito de ser território tradicional Jamamadi, essa área encontra-se totalmente desabitada pelos mesmos, que a abandonaram há cerca de 16 anos, após uma epidemia de sarampo que vitimou grande parte da população. O acontecimento foi interpretado como feitiço, e recusam-se a retornar ao antigo habitat, mesmo sob promessa de melhor assistência.

...Quanto a área Capana, 125.000 ha, sua situação enquadra-se no Art.21 do Estatuto do Índio... Essa área poderia ser arrecadada pelo MIRAD, para seus projetos de assentamento, mediante uma priorização no assentamento dessas famílias, em áreas contíguas, num projeto de extrativismo.Além dessas familias, seriam contempladas também com o assentamento pelo MIRAD, 9 familias de índios Apurinã (57 pessoas), que saíram da área Camicuã, por motivo de brigas, impossibilitadas de retorno a área; residindo atualmente no bairro Pequiá, na cidade de Boca do Acre."

Equipe Tecnica-PMACI I/0583-88 ** em Maio /88 - fls 99

" Tendo em vista a situação dos JAMAMADI do igarapé Capana, que há anos afastaram-se da referida área em virtude de surto epidêmico por eles interpretado como feitiço e, considerando que o Plano de Protecão ao Meio Ambiente e Comunidades Indígenas- PMACI - em seu documento definitivo recomenda a devolução da área, estamos, pelo presente, comunicando a esta Administração Regional, que os remanescentes JAMAMADI do Igarapé Capana iniciaram processo de reaproximação da área, chegando até mesmo a colher a última safra de castanha.

Acervo ISA

Assim sendo solicitamos dessa Administracão Regional que se abstenha da prática de qualquer ato que implique na devolução da referida área."

Antonio Apurinã - Presidente da UNI/Acre, em Maio/90 - fls 128

" Foi o seringal que dividiu o povo Jamamadi. Através dos pequenos rios o seringal interpõe-se entre as aldeias, criando distâncias e atraindo os índios em diferentes direções. A partir disto, a localização das aldeias passa a ser designada pelo nome do seringal. O povo Kapana é encontrado no Laranjal e no São Manoel. Os remanescentes Zoazoa Deni, que juntaram-se a eles vieram do São Francisco- nome dos igarapés, nomes de seringais.

A aldeia do Igarapé Kapana isolou-se e seus habitantes passaram a manter estreitas relações com os seringueiros da área. A extração da borracha e da castanha passam a ser sua atividade econômica mais importante... Desse modo os Jamamadi perdem sua força, deixando de cumprir suas obrigacões rituais, ficam a mercê dos espíritos inconformados.

" Tendo por referência sua tradição cultural atribuem esta mortandade sem fim ao feitiço que se abateu sobre eles. Seus xamãs (pajés,feiticeiros) foram sendo acusados de responsabilidade e tão grande mal, que não mais conseguem combater. Acusações mútuas de feitiçaria e assassinatos passaram a dominar o ambiente social, de tal maneira, que a dispersão constituiu-se em solução inevitável.

A estratégia tradicional de mudar o local da aldeia quando esta era acometida por alguma desgraça, ou quando as desavencas políticas assim determinavam, esbarra com a nova configuracão da região, especialmente na década de 1970. Os Jamamadi já não tem mais a liberdade de dispor de seu território, todo ele ocupado por propriedades, agrupamentos urbanos e já plenamente controlado pelo Estado brasileiro. Assim é que a terra do Kapana é posta em quarentena, tendo lá permanecido apenas poucas pessoas.

As famílias, perambulando pela região, vão aproximando-se de Boca do Acre. Alguns fixam-se às margens do Purus, outras em áreas próximas à cidade. Cada pequeno agrupamento atual leva vida independente do outro e ainda paira sobre eles as desconfianças que desagregaram sua vida comunitária. Pode-se mesmo falar em traumatismo social- marca de grande intensidade que provocou perturbacões desagregadoras."

Lúcia Helena Vitalli Rangel - A terra enfeitiçada dos Jamamadi do Igarapé Kapana/ Laudo Antropológico em 1990 . -fls 145, 148 e 149

"Não se percebe que o pano de fundo que move uma situação ou outra é a mesma violência que está na base da questão fundiária brasileira - a falta de respeito pela cidadania e pelos direitos daqueles que são submetidos aos poderosos, sejam estes latifundiários, seringalistas, mineradores ou o próprio Estado.

Acervo ISA

O feitiço vira contra o feiticeiro. Em duplo sentido os Jamamadi continuam perseguidos pelo feitiço. O feitiço da tradição que os empurrou para fora de sua terra e o feitiço do homem civilizado que os perseque com a doença e com a expropriacão. O mesmo aspecto da tradição que os íntegra como povo tribal, a magia, os leva à desintegração.

Os Jamamadi do Kapana merecem toda paciência oficial para decidirem se voltam a ocupar, e quando, sua terra. Enquanto isso é, no mínimo, imprescindível que a mesma seja interditada para que tenham segurança e uma assistência adequada as suas necessidades, levando-se em cota a delicadeza da situacão vivenciada por eles.

Não será a primeira vez que um povo retomará seu território tradicional depois de tê-lo abandonado por muitos anos. São conhecidos os casos dos Suruí de Rondônia e dos Pataxó da Bahia, para citar dois exemplos, e as consequências e reparos que ambas as situações requereram. As lições históricas que permanecem na consciência do mundo atual não podem mais ser desconsideradas. Os direitos de um povo não se os tira por decretos, leis ou vontade de terceiros, senão sob pena de eclosão de conflitos que mancham constantemente a consciência brasileira, já tão povoada de desmandos inaceitáveis.

Os Jamamadi do Kapana, ao menos em principio, devem ser livres para escolher seu caminho - voltar e retomar sua terra ou, viver dispersos um futuro de desaparecimento. Mas, para tanto, precisam de apoio e assistência para dissipar as confusões que a história lhes impôs. A única garantia que têm é um pedaço de terra da qual fazem pouco uso atualmente, mas que constitu-se na base de sua identidade cultural e psico-social."

Lucia Helena V. Rangel- Laudo Antropológico em 1990 - fls 160 e 161.

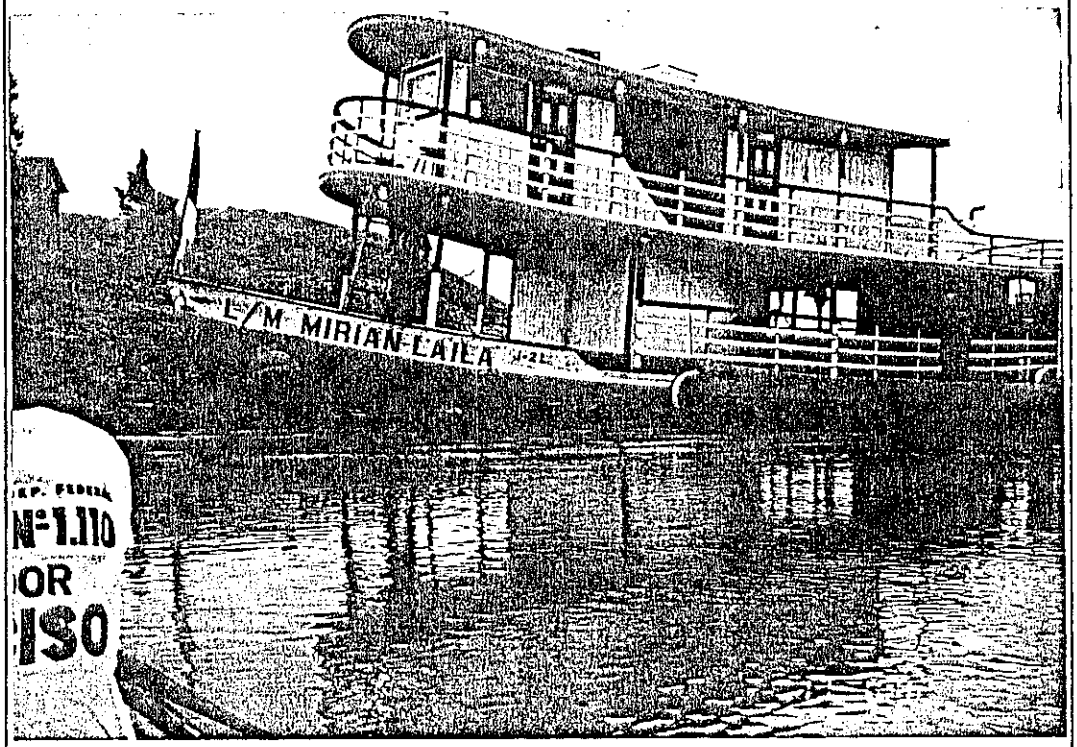
* GT 1349/86 - assinam o relatório Denise Regina Garrafiel e Maria de Fátima H. Almeida

** Equipe Técnica PMACI I/0583/88 - Cornélio Vieira de Oliveira- sertanista FUNAI, Luís Renato Cruz-médico FUNAI, Major Alvarim Pires do Couto Filho-CSN, Igor Tarapanoff-IBGE, Odilon Paulino da Silva-MIRAD, Antonio Alves Leitão Neto-representante do Acre, Francisco José de Sá Cavalcante-representante do Amazonas.

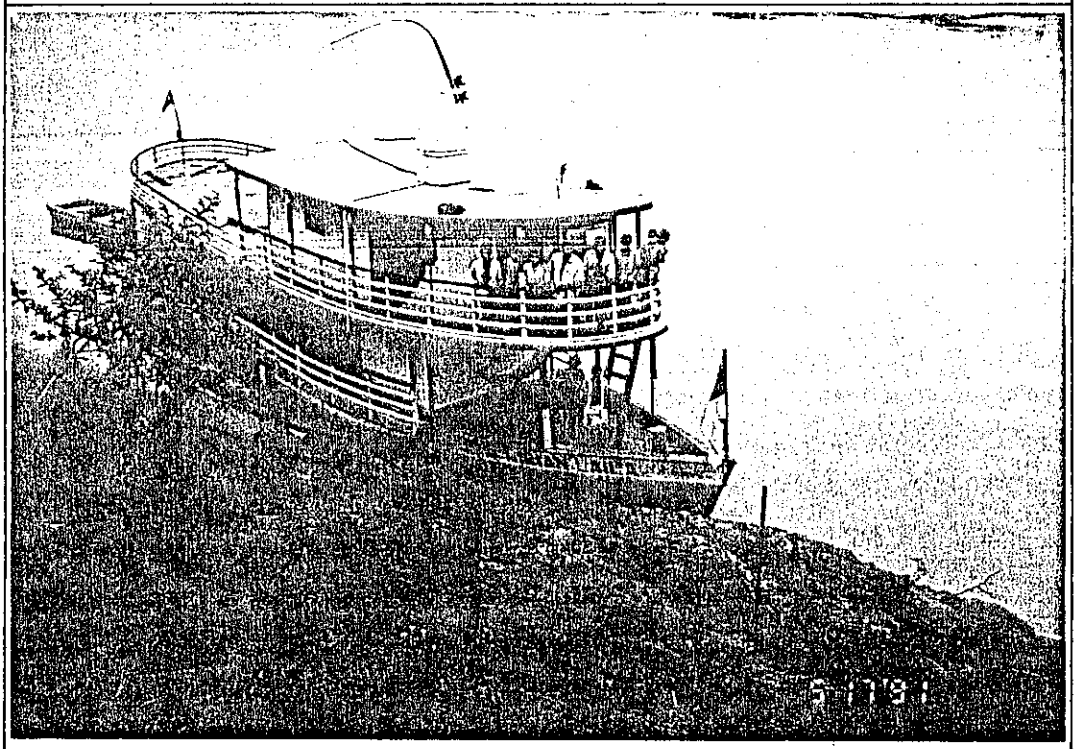
Brasília em Julho de 1991

Sílbene de Almeida

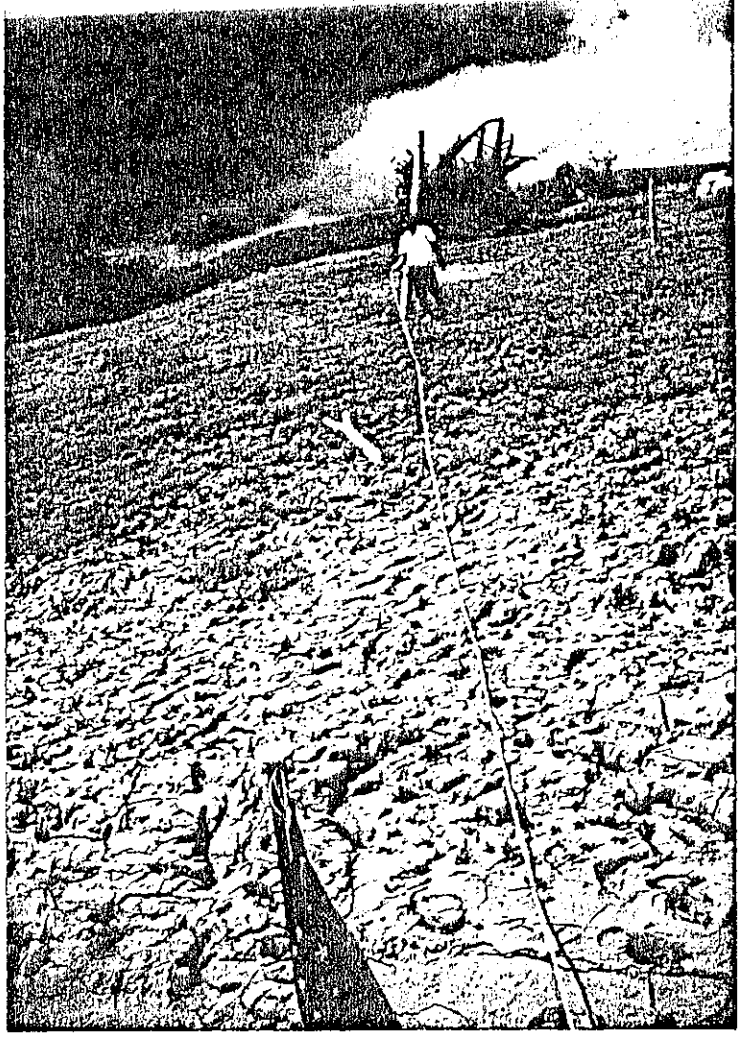
Acervo ISA

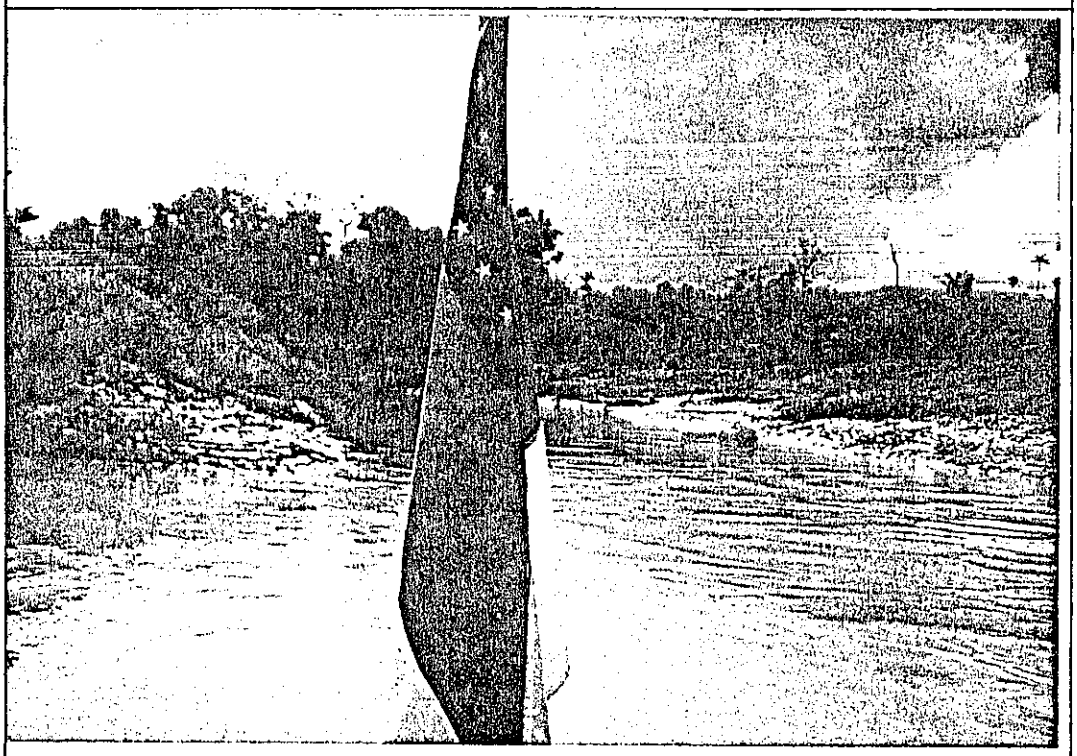


O BARCO MIRIAN LAILA



Acervo ISA

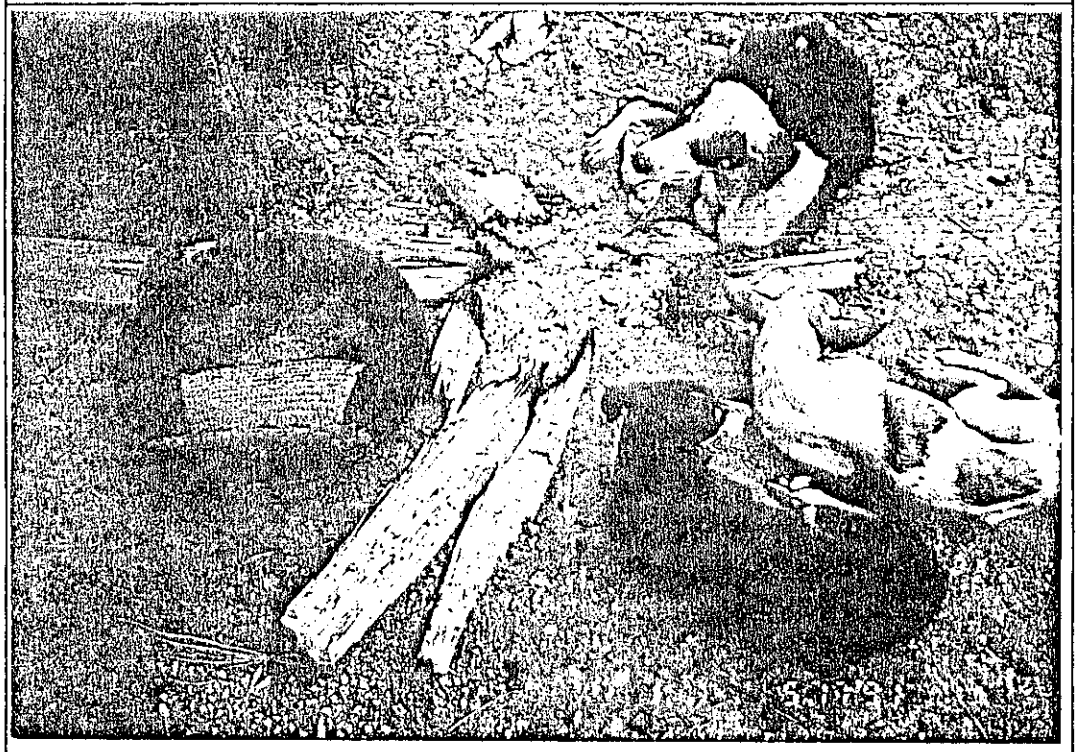




FOZ DO IGARAPÉ CAPANA NO RIO PURUS

Acervo ISA

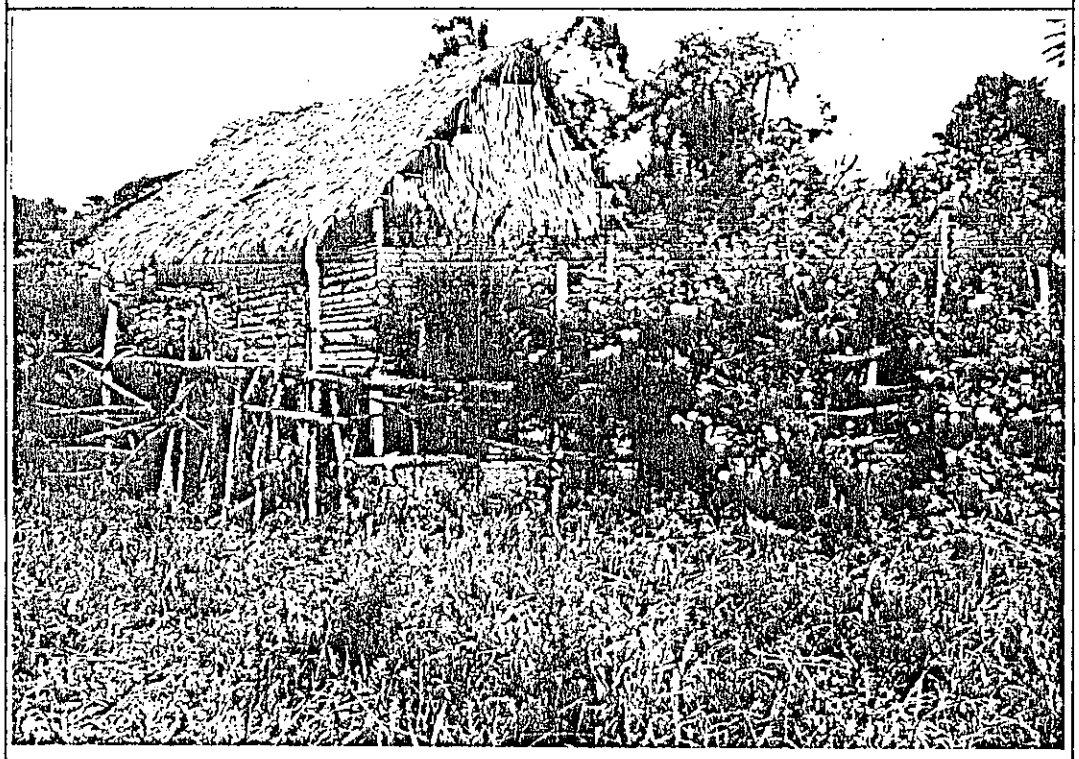
ÍNDIA JAMAMADI EM LOURDES (ASPECTOS DO ARTESANATO)



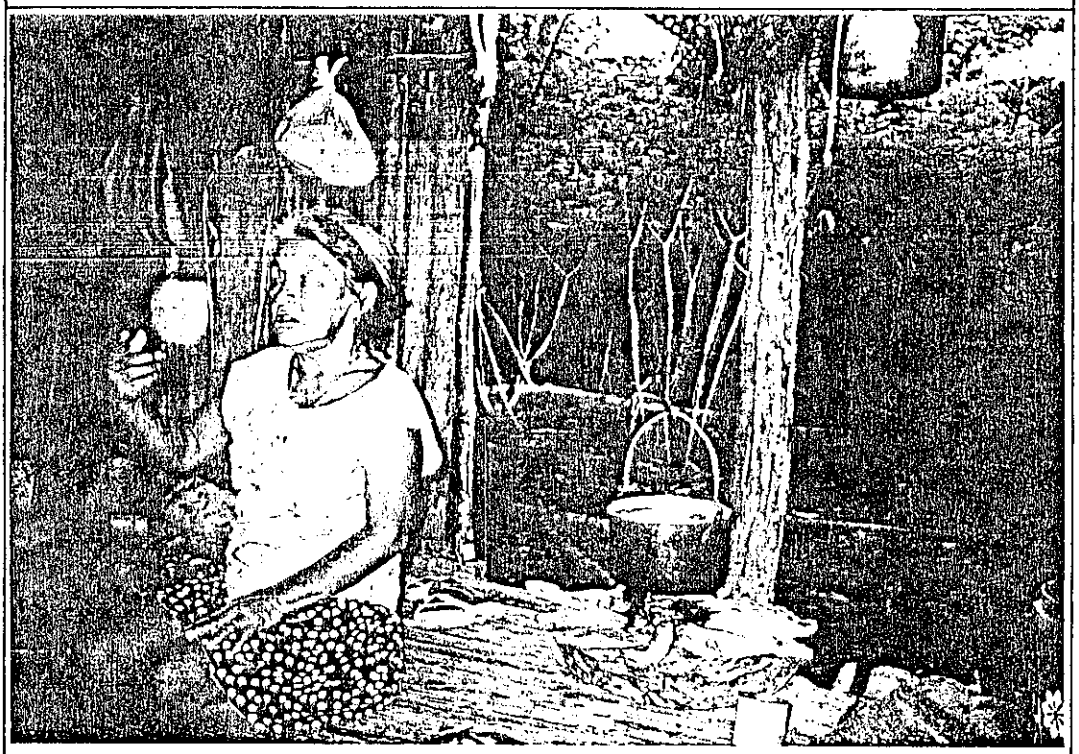
Acervo ISA

Aldeia do Centrinho/ casa de Damião/

Área Indígena Ig. Capana

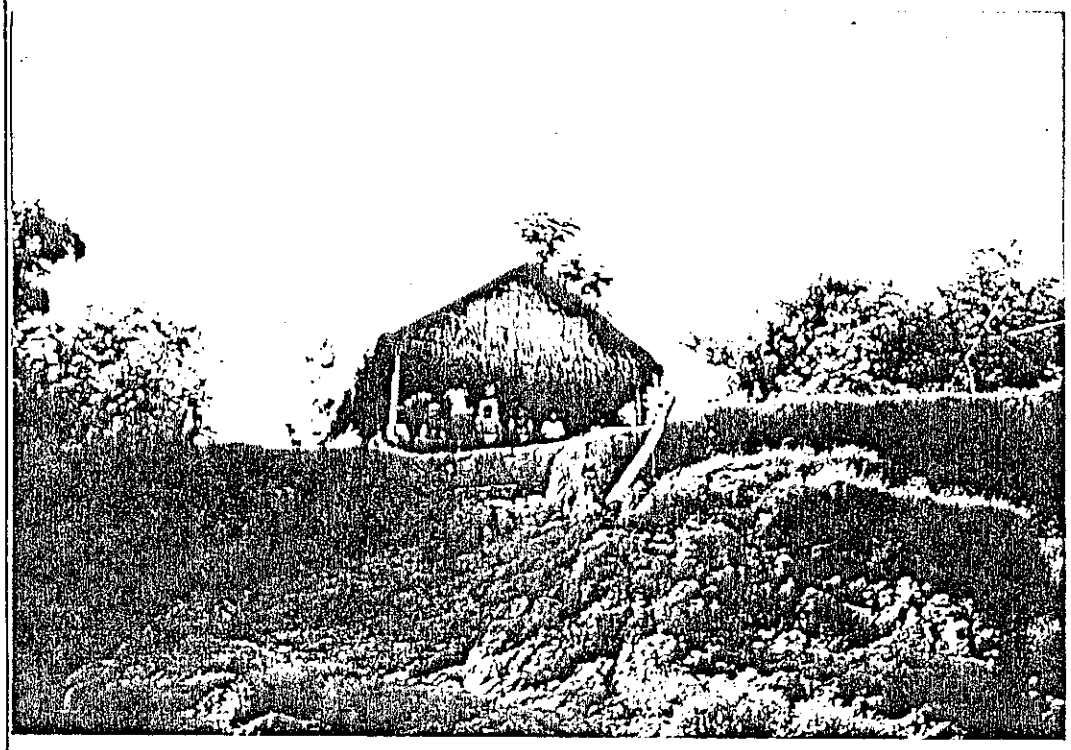


Acervo ISA

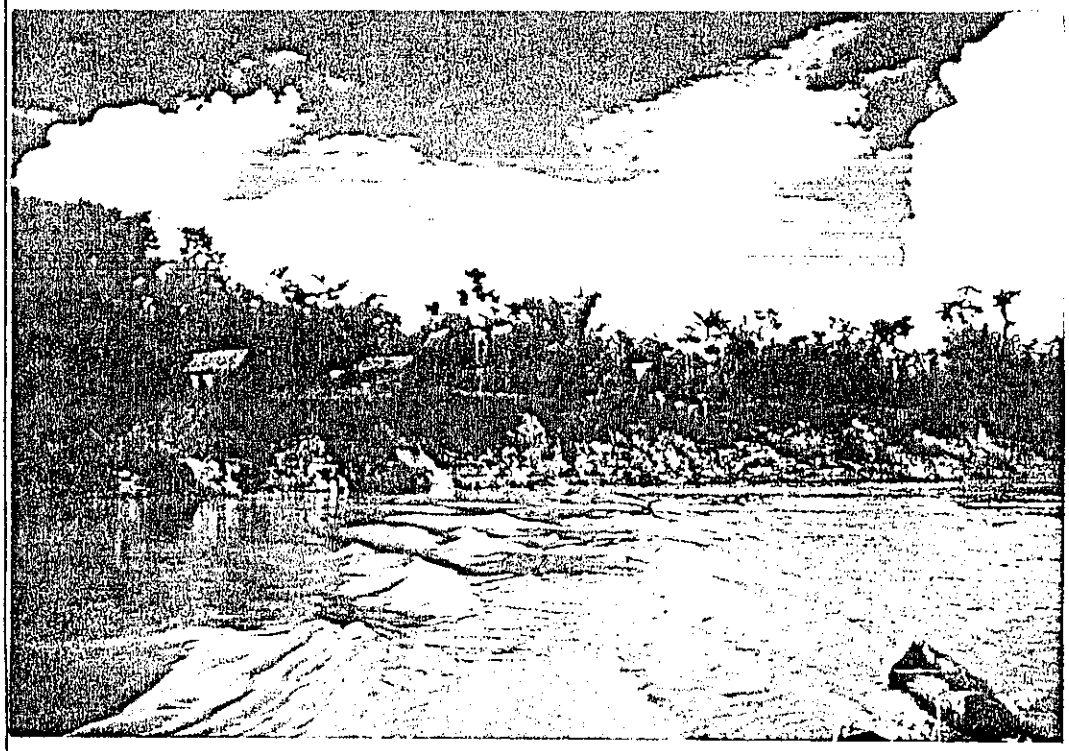


Casal de velhos Jamamadi em Maracaju

Acervo ISA

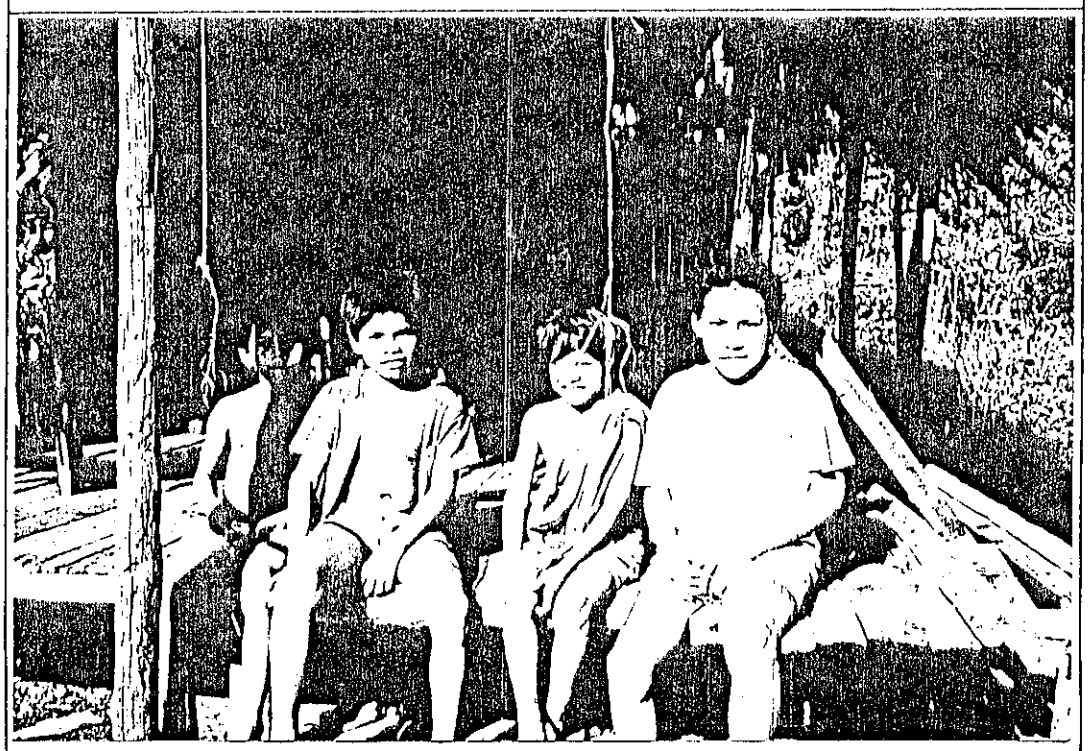


Barranca do rio Purus- Aldeia em Lourdes



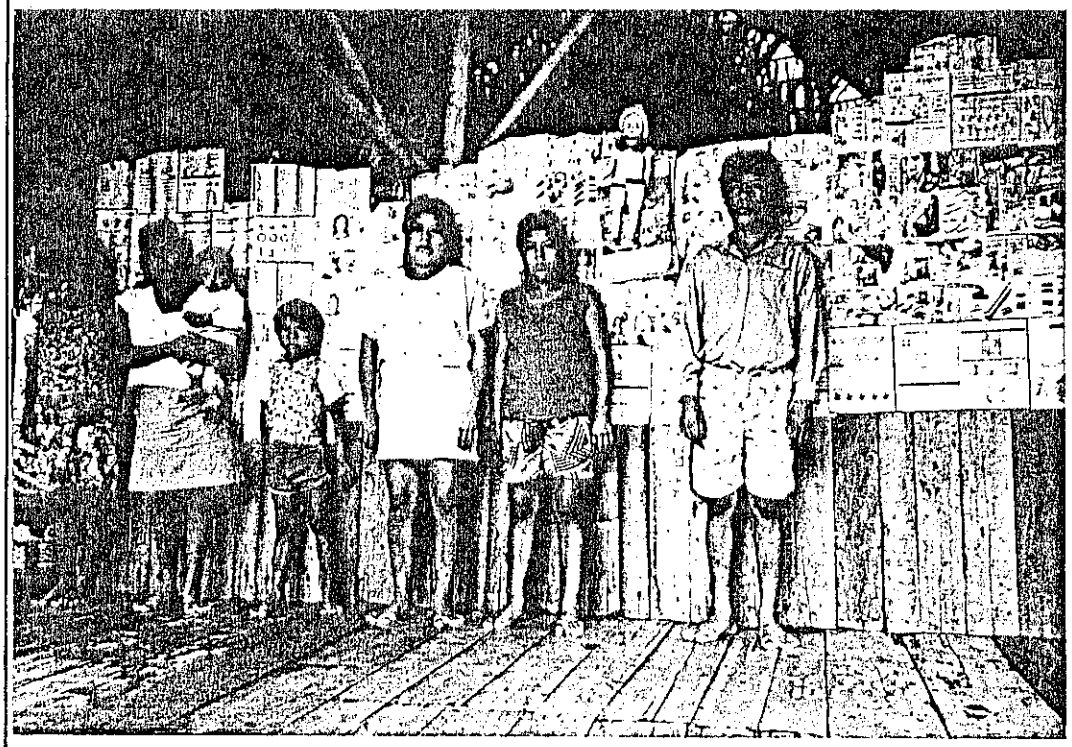
Acervo ISA

Índios Jamamadi no Ikirema

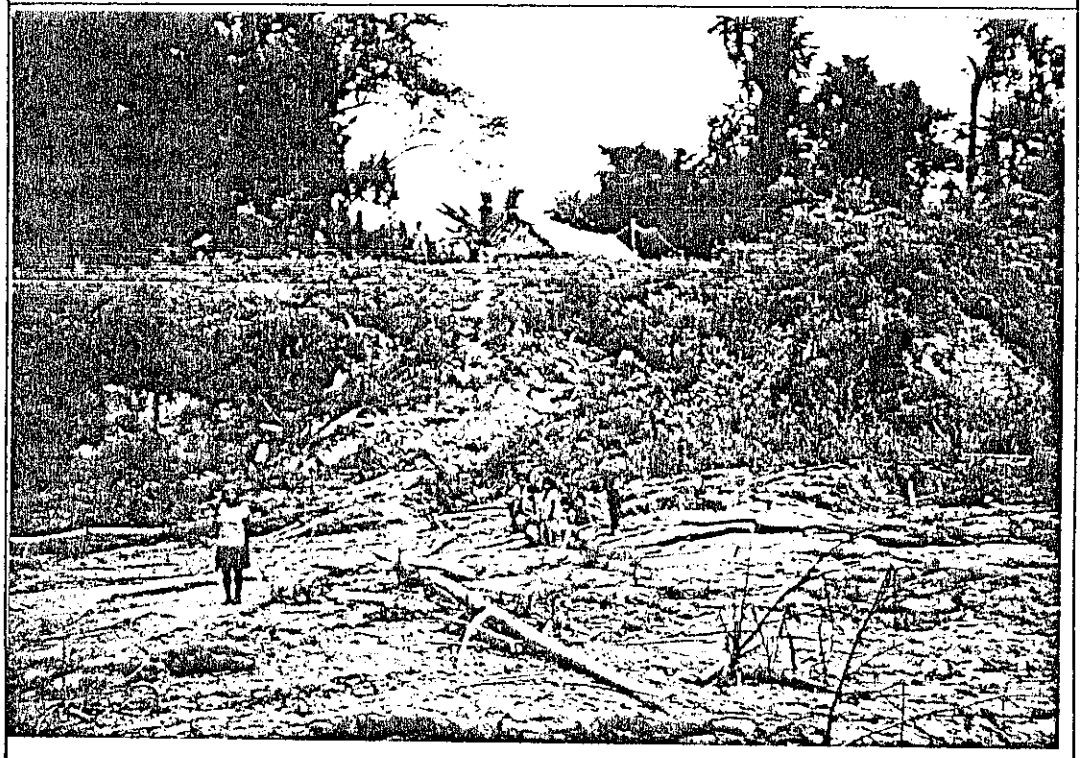


Índios Jamamadi em Maracaju

Acervo ISA



Família do Damião - Centrinho



Barranca do rio Purus - Aldeia Maracaju